

EDUCAÇÃO E USO DA ORALIDADE: A LIÇÃO DE YAABA

CEBALHO, Eva da Silva.

NEVES, Dimas Santana Souza

SANTOS, J. D.

RESUMO

Neste escritos analisamos as potencialidades do conteúdo e o sentido educativo entre gerações referenciadas na oralidade. Assim, tendo como intercessor "YAABA", uma produção fílmica africana que narra a relação de amizade entre uma criança e uma anciã da comunidade, podemos perceber que o processo de construção de disciplina escolar ou exercício de transversalidade no ensino pode/deve ser constituído a partir de temas provindo dos saberes populares. Aqui, apresentamos o resultado de um projeto de pesquisa que conjuga investigação/extensão com formação de professores e analisamos a construção de saberes que pode/deve estar na construção do currículo escolar como fonte ou ferramenta de inspiração para atividades e potencialização do ensino, disciplinar ou interdisciplinar. afinal, esse processo de troca intergeracional permite conhecer como o comportamento, a ética do fazer e constituir educação passa pela interconexão de culturas existentes nos grupos sociais ou gerações distintas. A partir do filme, com depoimentos de professores e referenciais teóricos de Deleuze, Guéron, Foucault e outros, analisamos aspectos e valores da construção do conhecimento oral e construímos necessidades de reconhecimento dessas práticas pela produção escolarizada, ajudando com ações como valorização dos saberes de velhos, que transformados em temas transversais ou disciplinares, auxiliam na educação da infância com conteúdos como "contação de histórias". Ao mesmo tempo, auxiliam a compreender e exercitar a escrita narrativa e as formas de realização dos princípios éticos e culturais de um agrupamento social, no conhecimento dos conteúdos e mecanismos de difusão cultural e da integração entre crianças e adultos, constituidoras de disciplinas ou relações interdisciplinares, escolares ou extra escolares

Palavras-chave: oralidade, história, disciplina, currículo

Yaaba significa em língua moré, a avó. É assim que Bila, um rapaz de doze anos, chama a Sana, uma mulher velha e rejeitada por toda aldeia. Yaaba é essencialmente a história de uma amizade. O ponto de partida é a recordação de um conto de minha infância e de uma forma de educação noturna que adquirimos entre os sete e os dez anos, mesmo antes de adormecer, quando temos a sorte de termos uma avó. Idrissa Quedraogo – Diretor do Filme.

Ao conceber o currículo como construção pode-se propiciar algumas possibilidades de uma narrativa que olhe atentamente à organização criativa e significativa na vida de todos os envolvidos com os distintos processos de ensino em instituições educativas. Logo, para além da noção de seleção de conteúdos, o currículo, particularmente o escolar, deve estar aberto para uma certa reconciliação da humanidade com a revalorização, retomada e readequação de conhecimentos oriundos das construções culturais que mantenham características do que concebemos como um espaço social de construção e difusão de conhecimentos. Sem esquecer que essa construção pode ser escolarizada sem perder sua capacidade de reconhecer as formas criativas e de reconstrução das culturas¹ e das tradições.

Ao promovermos a existência de saberes que a tradição oral procura manter sob seus domínios, ainda que de maneira muito pouco difundida, talvez esquecida ou abandonada, naquilo que alguns pensadores concebem como conhecimento popular, a possibilidade de ações educativas significativas multiplicam nossas probabilidades de retomada do pensamento não fragmentado e que foi esquadrinhado pela construção da disciplina. Nesse aspecto, a produção fílmica da África denominado “YAABA”, com a direção de Idrissa Quedraogo auxilia a pensar em uma significativa contribuição no conhecimento contemporâneo em busca daquilo que alguns pensadores estão discutindo sobre o tema da religação dos saberes. Particularmente porque esse filme auxilia a pensar nas construções culturais e nos modos de difusão que permeiam o cotidiano social de todo e qualquer agrupamento social.

Desta forma pensada, nestes escritos analisamos as potencialidades do conteúdo e o sentido educativo entre gerações referenciadas na oralidade. Assim, tendo como intercessor alguns filmes, nas palavras de Guerón (2011), começamos a compreender como essa construção de uma trajetória de vida pessoal, mas, ao mesmo tempo fazendo problematizar a importância da relação coletiva que apresenta o instigante filme africano "YAABA". Desse modo, queremos estabelecer algumas questões que nos auxiliem a pensar a respeito do currículo, procurando rediscutir, inclusive o escolar. Nessa direção queremos crer que essa produção tem o firme propósito de apresentar aspectos da cultura africana sem esquecer o valor da cultura popular, colocando em relevo aspectos qualitativos e socialmente benéficos que apresentam a tradição de um

¹ Conf. Problematização histórica construída por Bauman (2012)

povo, presentes, de maneira singular, na potencialização da oralidade de grupos sociais ou de uma complexa sociedade.

A organização da pesquisa e da formação continuada.

Quando um conjunto de professores e estudantes criaram a ideia e, posteriormente, ao conseguirmos a realização/efetivação do Projeto de Pesquisa/Extensão denominado o “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo” tínhamos uma intencionalidade bem definida que incluiu pensar, em um período de quatro meses, a partir de algumas produções fílmicas, as distintas compreensões das noções de infância, isto é, as infâncias percebidas no cotidiano das relações escolares ou extra-escolares. A problematização desse trabalho inclui interpretar e analisar os temas que circundam as ações educativas, os assuntos que envolvem o cotidiano escolar e as relações com a construção curricular.

Com isso, o Grupo de Estudos, Pesquisas em Escola, Currículo, Cultura e Sociedade Contemporâneos teve a necessidade de construção no *campus* universitário de Cáceres “Jane Vanini”, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, do Ateliê de Imagem e Educação - AIE. Um espaço/tempo de exibição e rodas de conversar intensificando a compreensão dos filmes exibidos naquele dia/local. Um momento que tem demonstrado a frutífera possibilidade de ampliação das problematizações de conceitos, temas e objetos da nossa investigação. Ao mesmo tempo, estas atividades servem, portanto, para pesquisa e extensão como contribuição multilateral dos envolvidos na dinâmica de construção do conhecimento.

A lição de Yaaba, as tradições pela oralidade.

No interior desse espaço/tempo do Cineclube que contamos, nesta temporada, com a exibição de um filme africano mais divulgado como “Yaaba”, traduzindo, “Vó”, ou “Vovó”. Então, temos no cenário uma criança e uma velha que se encontram na vida e juntos produzem um conjunto de relações em que o fazer, o viver, o ensinar, o educar, o partilhar, o ser, o entender o outro, respeitar as diferenças de compreensão e a necessidade constante de compartilhar a vida. Exatamente para que pudessem

permanecer com a realização da vida em um grupo culturalmente preenchido pelo sentido dos exemplos e do ato educativo centrado na transmissão oral dos seus aportes sociais. Tanto que, em diversos acontecimentos apresentados pela produção fílmica, a relação é de constante troca de experiências de vida e de formas de manutenção da relação da criança pela sobrevivência daquela idosa. Ao mesmo tempo, da senhora Yaaba no ensinamento da criança para que pudesse sobreviver em seu meio social e resolver problemas do seu cotidiano. Nessa trama estava envolvida uma outra criança, Nopoko, que adoece em função de uma briga com outras crianças e serviu de personagem para o protagonismo da criança na aproximação mais intensa da relação de Bila com aquela considerada “avó” e, ao mesmo tempo, com toda a comunidade.

E, é no entrelaçar destas relações que a comunidade toda expressa suas formas de convivência e de ensino para aquele grupo social a partir da existência destes dois personagens no filme. A criança – Bila – pois teve que aprender as regras da convivência social e tendo sido, muitas vezes, o sujeito que deveria ter suas ações mediatizadas pela família e pela comunidade com ensinamentos e castigos que o tornasse capaz da convivência no meio social. Daquela vovó porque era exemplar para realizar materialidade da condição de existência cultural de uma crença presente dentre as comunidades que comungavam de compreensões semelhantes sobre a situação daquela idosa e sua presença como “maldição” no interior da comunidade. E, ao mesmo instante, compreender a importância do conhecimento daquela anciã para cura de doenças. Com isso, o filme produz um significado interessante dos atos educativos levados a efeito por um conjunto de ações individuais e coletivas, com cuidados pessoais e exemplares, para que tivesse a eficácia exigida para continuidade no processo de congregação ou pertencimento social na identidade de um grupo social.

O Currículo: uma construção cultural?

Ao concebermos as ideias de que a noção ou a constituição do currículo, mais precisamente a teoria curricular está em crise, conforme anuncia Barbosa (2005, p. 11) podemos problematizar estas questões com temas/assuntos relevantes como fez Vorraber (2005, p. 37) ao discutir problemas contemporâneos das políticas curriculares, partindo da problematização dos conceitos de “currículo” e “culturas” interrogando a formação pretérita e vislumbrando o presente nos modelos teóricos difundidos na atualidade. É a partir daí que alguns teóricos poderão contribuir com

algumas proposições. Dentre elas a revalorização da construção discursiva da oralidade arraigada no cotidiano das nossas relações sociais e pouco valorizadas e reconhecidas como instrumento comunicativo eficaz no processo de escolarização, particularmente, do ensino fundamental. De maneira singular neste período da humanidade em que as novas tecnologias ocupam muito tempo de atividades e criam obstáculos para uma convivência humana bem mais inspiradora da vida.

Com isso faz-se imperiosa a problematização das questões curriculares para que possamos realizar avanços na análise das circunstâncias de vida na atualidade para proporcionar algumas alternativas de diálogo em torno deste tema. E, então, é nesse aspecto que adentramos o quadro de debates sobre o conceito e as práticas curriculares. Uma compreensão possível é a de que

O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É antes de um modo de organizar uma serie de práticas educativas (GRUNDY 1998, p.5).

Assim, o currículo, tem uma definição e precisa desse entendimento para se tornar prescrição e, avançando, ao nosso modo de compreender, exerce e ajuda a exercitar uma prática de construção cultural dos saberes extraordinários de um grupo social.

Afinal, não há como esquecer/abandonar estas relações. É preciso retomá-las e valorizando-as como práticas significativas na vida escolar ou de grupos sociais organizados. A roda de conversa pode ser uma boa alternativa neste diálogo, aproximando das atividades que realizamos após assistir a exibição do filme Yaaba. Dessa relação de conversas uma professora acrescentou

Muitas vezes, nós não conseguimos lidar com essas realidades e isso é horrível, é péssimo principalmente quando nós, enquanto profissionais, fazemos uma reflexão como foi o nosso trabalho naquele dia. Por isso nós temos os planejamentos, o anual e o planejamento diário, semanal, ou como o professor prefere fazer, mas o que nos revolta, eu falo por mim, me revolta é quando você analisa e vê que você deixou de contribuir muito com aquele aluno, quando você vai lembrando das individualidades de cada um. Então, o que eu vi nesse filme foi à questão da convivência, de como viver, o meio dessa criança. Ali nós pudemos observar um grupo de crianças em cada... ou mesmo dentro daquele grupo tinha concepções diferentes de educação, de ensinamentos e nós, enquanto professores, devemos prestar bem a atenção nessa questão, até mesmo para contribuir mais

com esses alunos. (COMENTÁRIO, CINECLUBE, PROFESSORA PRIMAVERA²)

Nessa ocasião, a professora argumentou que precisamos cuidar um pouco mais das relações sociais e culturais existentes na comunidade de onde procedem nossos estudantes escolares. Assim, a educadora observou que as nossas atividades no interior das escolas, no interior dos movimentos sociais estão eivadas de equívocos e que, nossas práticas são somente de atos de ensinar, sem construir momentos de compartilhamento de saberes, de diálogos sobre os saberes de cada um, de conversa para expressar seus conhecimentos sobre temas/assuntos do cotidiano da vida social que praticam nas relações extraescolares. Isto de modo particular no ensino fundamental.

Portanto, produzir novas relações escolares e não somente novos conteúdos escolares ou mais conteúdos escolares. É preciso contribuir para que haja, novamente, modos intensos de diálogos entre pessoas, particularmente, que seja exercitado nas famílias e nos grupos sociais a construção discursiva qualificada e que as relações sociais não sejam mediadas tão somente pelas novas tecnologias e nem mesmo isoladamente pela escrita. É preciso ensinar, é preciso educar para ouvir. Exatamente para que a prática do “falar bem” possa auxiliar a “bem escrever”. Especialmente para que a prática do “bem falar” não seja exclusiva de grupos sociais legitimados por posições sociais.

Portanto, inventar a tradição oral ou reinventar a tradição oral nas escolas e, porque não dizer, em diversos momentos do cotidiano da vida escolar, significará oportunizar a capacidade de concentração dos estudantes, bem como a valorização das práticas que estão sendo abandonadas no cotidiano da vida social e na revitalização de culturas da oralidade esquecidas em função de diversas situações existentes no cotidiano da vida política e econômica das pessoas. Mas, sobretudo, é preciso fazer falar, é preciso partilhar a fala, educar a fala das crianças para que possam não somente assistir aulas.

Reinventar a tradição oral.

Ao dialogar em torno deste assunto, tomado como exemplo as tecnologias que contribuem para dificultar as tradições orais, podemos pensar em alternativas que evitem as meras transmissões de conteúdos. Assim, aproximaremos um pouco mais das

² Ainda que devidamente autorizados, nestes primeiros textos como resultados do trabalho de pesquisa optamos por preservar a identidade dos professores comentaristas do Cineclube para que possamos fazer outros avanços no diálogo com todos.

distintas camadas para valorizar seus conhecimentos populares e propiciaremos condições de exercício oral dos saberes, mesmo que ficcionais ou criativos de grupos sociais com suas histórias de vida, suas angústias, seus sofrimentos, suas alegrias, suas tristezas, suas vitórias e suas derrotas, suas participações e suas potencialidades diante da vida.

Isto porque o modelo de desenvolvimento empregado, até este momento, tende a centralizar somente nas tecnologias industrializadas e precisamos fazer avanços nas tecnologias que o próprio corpo dispõe para exercitarmos as atividades comunicativas, pelo menos. Pois, como diz esta autora

Assim, o que é tomado como modelo de desenvolvimento e considerado como avançado e racional tem como referência uma concepção culturalmente datada e localizada de desenvolvimento, na qual o pensamento abstrato ocupa o ápice. Isso tem implicações profundas no currículo e na política cultural, pois tais noções incidem sobre a própria forma como a escolarização está sendo concebida e organizada. O governo sobre certos grupos tem se efetivado com base na suposição de que sofrem de carências no campo do raciocínio, o que justifica, ao mesmo tempo, seus déficits de autonomia, socialização e a necessidade de “correção” e suprimento. (COSTA, 2005, P. 57-58).

Logo, podemos conceber que, se o modelo de desenvolvimento exige novas tecnologias como necessidades prementes para certa convivência social, é preciso também revalorizar práticas para que não desapareçam conhecimentos ainda presentes no cotidiano da vida social de um País com esta dimensão continental.

Esta profissional do ensino indagou alguns temas inseridos neste diálogo sobre um maior aproveitamento da oralidade no cotidiano escolar. Ao assistir o filme e ouvir alguns comentários sobre as circunstâncias de vida escolar, proferiu seus argumentos.

[...] Você falando ai será que temos, que a criança tem essa liberdade? Eu particularmente vejo que não. Eu observo que não porque aquelas crianças correm, aquelas crianças vão ser mais espertas, ela muitas vezes é tachada como criança problema, certo? E isso dai não só em sala de aula como no momento da recreação, do recreio, que é aquele momento de 10, 15 minutos, que a criança precisa pra sair da sala, pra ir conversar, brincar, a criança que brinca mais, que pula mais... já vem lá “olha, já tá na hora, fulano tá muito dando trabalho, vamos bater o sino” e vamos todos pra sala, não só as crianças como os professores também, praticamente, em ordem e eu acho triste, isso me entristece e também em sala de aula, muitas vezes, eu também me pego querendo a criança do meu jeito, eu também faço a minha reflexão. Quando eu vejo... Nossa! Hoje eu também tô triste, eu quis que aquela criança o tempo todo eu chamei a atenção pra que ela ficasse ali quieta, como eu gostaria, como se ela tivesse ali presa a

minha fala, a minha aula porque ela estava perturbando. Talvez é uma falta, assim, de... sei lá se é de conhecimento ou é uma falta de lidar ou a própria estrutura também nos leva a isso, não sei! Mas é necessário a liberdade não só da criança como do adulto, ela com limites, ela é fundamental. (COMENTÁRIOS, CINECLUBE, PROFESSOR OUTONO, 2016)

Assim, estamos diante de mais uma constatação de que nossas escolas estão fatigando os estudantes com nossas constantes aulas e imposições do conhecimento escrito, com poucas leituras, com pouca exposição da compreensão dos estudantes por necessidade de silenciamento na sala de aula, por exigência de quietude para que evitemos prejuízo para outros grupos com nossas “conversas” em sala de aula.

Diante desse quadro podemos dizer que é preciso inovar, ou, no mínimo, reinventar a tradição oral, reaproveitar a tradição oral para que possamos criar espaços/tempos de diálogos proveitosos de relatos de vida e experiências da vida entre crianças, particularmente do ensino fundamental. Seja por formas, seja por conteúdo. O importante é que possamos valorizar o conhecimento oral, realizar ações de partilha desse conhecimento para que possamos fazer avanços mais significativos tanto na escrita quanto no desempenho de expressividade corporal de nossos estudantes. Afinal, estes nossos tempos tão povoados de comunicação talvez seja o cenário ideal para darmos vez e voz aos pequeninos, e reinventarmos a própria existência do infante, da infância, enfim, da criança como aquele ser que não fala. A escola de tempo integral deve propiciar isso. O assunto que retomaremos em outras oportunidades.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e Política Cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. 4 ed. DP & A: Belo Horizonte; 2005.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e história*. Vozes: Petrópolis; 2011.

GRUNDY, Shirley. *Producto o práxis del curriculum*. 3. ed., 3ª reimp. Madri: Ediciones Morata, 1998.

GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê do clichê à Imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.